

MANUEL RODRIGUES LAPA

Anadia, 22/4/1897 – Anadia, 28/3/1989

Este número da *Confluência* que homenageia Rodrigues Lapa não quer, com isto, tão somente, marcar as efemérides de um centenário, mas ressaltar a figura ímpar de um denodado cultor das ciências da linguagem que fez de sua fulgurante e cheia de percalços carreira um exemplo de probidade científica e dignidade humana.

Dono de vasta erudição literária e filológica, deixou-nos uma obra que, pela excelência e quantidade, como disse Telmo Verdelho em conferência sobre nosso homenageado, "pede meças com departamentos inteiros de Faculdades bem providas de corpo docente".

Chegado à Universidade, em 1928, pela prestigiosa proposta de José Leite de Vasconcelos, de quem fora aluno, teve seu contrato interrompido porque as autoridades não gostaram do tom com que reverberou as mazelas do ensino na conferência intitulada *Política do Idioma e as Universidades*, proferida em Lisboa, em fevereiro de 1933, logo repetida em Coimbra.

Mas retornou à Faculdade de Letras mediante concurso público, ainda que por pouco tempo, pois aos 15 de maio de 1935 era demitido e privado de acesso a qualquer emprego público, num ato do regime que expulsaria com ele mais de 32 funcionários civis e militares.

A têmpera de caráter e a solidez de conhecimentos empurraram Rodrigues Lapa a mil empresas no campo da produção literária, filológica, lingüística e pedagógica, hoje patenteada nessa portentosa e fértil bibliografia levantada pela Prof^a Dr^a Isabel Vilares Cepeda, adiante transcrita, praticamente inaugurada, em 1929, com sua notável tese de doutoramento *Das Origens da Poesia Lírica em Portugal na Idade Média*.

É este admirável Mestre que dividiu com os brasileiros luzes do seu saber não só por meio de livros e revistas mas pela ação magisterial, de 1957 a 1960, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, que hoje homenageamos, na seqüência de uma série de reconhecimentos prestados mais recentemente ao insigne Professor (como ele gostava de ser identificado), entre os quais cabe lembrar o *Colóquio Internacional de Filologia, Literatura e Lingüística*, realizado em Anadia, na Curia, entre 17 e 19 de abril deste ano, o lançamento da riquíssima *Fotobiografia* de autoria de José Ferraz Diogo, durante o *Colóquio*, e da *Correspondência de Rodrigues Lapa, Seleccção* (1929 - 1985).

Como romanista, apresentou razões em prol da recuperação literária do galego e de sua integração no espaço lusofônico.

Este homem extraordinário que soube penetrar no intrincado labirinto da língua e dos seus monumentos literários soube também deixar-nos de si um retrato fiel, que vale não só como testamento mas como uma lição de vida de "um idealista que quis endireitar o mundo":

"Como homem, sou aquilo a que se chama uma "cara de poucos amigos". Nem compreendo como consegui reunir tantos à minha volta. Profundamente sensível, duma sensibilidade quase feminina, cedo me vi obrigado a disfarçar esta fraqueza com um semblante duro, uns modos agrestes, que são a costumada defesa deste tipo de homens. Não que desestime a convivência; mas o hábito da introspecção e uma certa timidez conduzem-me a ser cauteloso e reservado. Um homem assim não será propriamente um selvagem; mas hão de convir que esta cerca de arame farpado de que por vezes se rodeia tem os seus aspectos antipáticos.

Como escritor, o homem de certo modo explica o escritor. O amor da verdade e da justiça, que procuro pôr em tudo quanto escrevo, não me tem atraído grandes simpatias e tem-me envolvido por vezes em polémicas estereis. Certos fantoches, que procurei desarticular com os instrumentos da verdade, ficaram mais resistentes do que nunca; de onde me é lícito concluir, melancolicamente, que os homens não se deixam levar pela verdade, mas por outros princípios menos austeros. [...]

Que direi como cidadão? Isso é uma história pitoresca e valia a pena ser longamente contada. Antes de mais nada quero dizer-lhes, marcando energeticamente uma posição ideológica, que um homem de letras não é, não pode ser, nem conviria que fosse um "político". Tem uma missão diferente, uma outra vocação. A este respeito, permanecem inteiramente válidas as razões de Benda sobre o momentoso problema. Contudo, há momentos excepcionais, e o próprio Benda o reconheceu, em que o homem de letras pode e deve intervir na ação política, num intuito de esclarecimento e para defesa de valores de que depende a própria dignidade do homem. Esses momentos são determinados por ele, dependem do seu arbítrio e não dos interesses culturais de qualquer facção. Uma vez jogado na luta política, que não é a sua arena, o homem de letras corre grandes perigos e por vezes não faz boa figura, porque fala aos homens uma linguagem que eles não entendem ou fingem não entender." (*Razões*, 128-130).

E.B.
